



SEÇÃO: ARTIGOS E ENSAIOS

As interfaces entre Serviço Social e subjetividade a partir do filme *Coringa*

The interfaces between Social Work and subjectivity in the film Joker

Daniel Péricles Arruda¹

orcid.org/0000-0002-8347-8215
pericles.daniel@unifesp.br

Recebido em: 6 fev. 2021.

Aprovado em: 8 ago. 2022.

Publicado em: 17 nov. 2022.

Resumo: Apresenta-se, neste artigo, algumas reflexões sobre a relação entre Serviço Social e subjetividade, com base no filme *Coringa* (2019). A partir da pesquisa qualitativa na modalidade bibliográfica e de caráter exploratório, da análise de material audiovisual e da base teórica interdisciplinar, percebe-se a importância da discussão sobre Serviço Social e subjetividade. Porém, é necessário aprofundar e ampliar esse debate, de modo explícito e estrutural, principalmente, sob o viés de uma perspectiva emancipatória e plural, voltada para os processos de formação dos sujeitos e do/a assistente social; da atuação profissional e da educação profissional permanente, bem como para o campo da pesquisa e produção do conhecimento.

Palavras-chave: arte; atuação profissional; *Coringa*; Serviço Social; subjetividade.

Abstract: This article presents some reflections on the relationship between Social Work and subjectivity, based on the film *Joker* (2019). From the qualitative research in the bibliographic modality with an exploratory character, the analysis of audiovisual material, and an interdisciplinary theoretical basis, the importance of the discussion about Social Work and subjectivity is perceived. However, this debate should be explicitly and structurally deepened and expanded from an emancipatory and plural perspective, focusing on the processes of formation of the subjects and the social worker; professional performance, and permanent professional education, as well as the field of research and knowledge production.

Keywords: arts; professional performance; *Joker*; Social Work; subjectivity.

Introdução

É fato que a estrutura social e as demais dimensões que compõem a vida cotidiana são complexas. As sociedades constituídas pelo modo de produção capitalista apresentam múltiplas contradições, cada qual com as suas especificidades. Em razão disso, numa sociedade multicultural, é de suma importância observar o seu modo de formação, considerando ao máximo os elementos que o compõem, como as relações de gênero e étnico-raciais; os aspectos biológicos, sociais, psíquicos, subjetivos, culturais, políticos, religiosos; a espiritualidade, sexualidade, economia, educação, geografia, territorialidade, natureza e o meio ambiente.

Esses aspectos contribuem para a formação do sujeito, porém, em uma sociedade de base estruturalmente desigual, não se pode afirmar que a garantia do direito social é suficiente para a manutenção da vida em condições dignas. Assim, é importante observar o campo da subjetividade, que revela outras expressões dos sujeitos, seus sonhos,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Santos, SP, Brasil.

desejos, conflitos, sintomas; suas fantasias, frustrações, *potencialidades*, dificuldades, o modo como conceitua suas relações, a maneira como se posiciona na vida etc. A subjetividade não é igual para todos os sujeitos e é possível identificar expressões subjetivas diferenciadas em um mesmo grupo social e/ou cultural. Essas são questões emergentes em diversos cenários da atuação dos/as assistentes sociais e, por isso, devem e precisam ser atentamente consideradas.

O desenvolvimento do Serviço Social na sociedade brasileira requer forte e constante empenho para tentar se aproximar das realidades, decifrá-las e apreender elementos significativos a serem pensados e superados, bem como compreender as lógicas que compõem os campos do poder, direito, da cultura, indiferença e diversidade. Trata-se, então, de um empenho contínuo e diversificado, necessário para mover a profissão.

Nessa ótica, de modo específico, é preciso analisar a relação entre Serviço Social e subjetividade, tema delicado e controverso, necessário e emergente. Algumas situações são importantes para essa questão, sem generalizar, como algumas vivências acadêmico-profissionais do autor deste artigo, ou seja: é comum encontrar discentes e estagiários/as com dificuldades para entender o que é subjetividade e/ou são formados sem estudá-la a fundo. De modo categórico; alguns profissionais são resistentes em abordar ou aceitar essa temática; outros não a consideram como uma dimensão que faz parte da profissão e, conseqüentemente, não desenvolvem pesquisas sobre o tema; ou pensam que a subjetividade é demanda para outras áreas profissionais.

Também é comum identificar assistentes sociais que são cerceados em tratar desse assunto, ou de apreender essas questões em diversos espaços sócio-ocupacionais, e que partem em busca de formação em outras áreas – não que seja um engano buscar conhecimento interdisciplinar, mas a questão aqui é o conhecimento e o debate no núcleo profissional do Serviço Social – e outros entendem que falar de subjetividade é voltar ao conservadorismo ou psicologismo.

É um equívoco dizer que a subjetividade não é

uma dimensão presente ou que não é da alçada dos/das assistentes sociais. A questão é que o debate sobre a subjetividade na profissão não ocupa um destaque central e significativo. Por exemplo, no campo da formação, encontram-se poucas universidades que apresentam claramente esse tema como disciplina. Diferentemente, a disciplina *Serviço Social e Subjetividade* é oferecida no curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), desde 1992, e no curso de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), desde 2002, considerando outras terminologias utilizadas em projetos pedagógicos anteriores.

Há, também, estudos que abordam diretamente a subjetividade, ou a consideram em associações com outros temas, de autores/as como Gentilli (2011, 2013, 2016), Vasconcelos (2000, 2010c, 2015), Nicacio (2008) e Bisneto (2007).

De modo mais amplo, observa-se que a subjetividade é um tema relevante e deve ser de constante discussão no Serviço Social. Por isso, o olhar sobre os processos de formação, as produções, os modos de manejo dos instrumentais na profissão, bem como sobre grupos de estudos e pesquisas que abordam a subjetividade, são formas de produzir novas técnicas para identificar questões universais e particulares dos sujeitos.

A subjetividade está na vida social, portanto, não é exclusividade de um campo teórico, nem de uma única área profissional de atuação. O que contribui para pensar que a subjetividade pode ser apreendida pela Arte, Psicologia, Filosofia, Psicanálise, Pedagogia, Sociologia, Antropologia, Geografia, pelo Direito, dentre outras áreas. Cada profissão tem o seu objetivo e método para lidar com a subjetividade.

No caso do Serviço Social, não é diferente. Entende-se que a subjetividade está presente nos sujeitos atendidos, na relação de trabalho e no próprio profissional. A subjetividade contribui para a formação e o entendimento da objetividade. Portanto, como não se separa a teoria da prática, também não se deve (ou deveria) fragmentar objetividade e subjetividade, mas, sim, compreender a sua relação e constituição.

Assim sendo, neste artigo, apresenta-se um breve levantamento bibliográfico acerca da subjetividade nas produções em Serviço Social; seguido de uma discussão sobre o Serviço Social e a subjetividade com o intuito de refletir aspectos importantes; depois apresenta-se uma análise do filme Coringa (2019) para, por meio dessa produção audiovisual, refletir a respeito das dimensões que contribuem para a leitura das subjetividades, na atuação do/a assistente social. A escolha desse filme deve-se à sua repercussão, aos temas apresentados, que compõem uma *totalidade*, bem como a relação entre sujeito e sociedade, e aos elementos que são de interesse para o Serviço Social, como arte, saúde mental, sofrimento, assistência social, família, história de vida, cotidiano, direitos, dentre outros. Por fim, complementa-se com as considerações finais.

1 Situando a categoria subjetividade nas produções do Serviço Social: uma breve aproximação

De acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 57), com a pesquisa bibliográfica objetiva-se aproximar o pesquisador de fontes textuais e audiovisuais, ou seja, qualquer forma de registro sobre determinado assunto. Assim, a partir desse caminho e na perspectiva exploratória (MINAYO, 2010), foram analisadas 14 revistas eletrônicas da área do Serviço Social. Os dados apreendidos e examinados são apresentados em seguida, em números inteiros.

O sistema brasileiro de avaliação de periódico Qualis, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mediante critérios, classifica os periódicos em: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C. As mais bem avaliadas, situam-se próximas ou são iguais a A1. Assim, as revistas consultadas estão classificadas da seguinte maneira: duas revistas A1; quatro revistas A2; duas revistas B1; uma revista B3; duas revistas B4; e três revistas C.

Uma delas é vinculada a uma editora; outra, é da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS); três são de universidades particulares; quatro são de universidades

estaduais; e cinco são de universidades federais. Sendo uma do estado de Minas Gerais; uma do Paraná; uma de Santa Catarina; uma do Espírito Santo; uma do Rio Grande do Sul; duas do Distrito Federal; três de São Paulo; e quatro do Rio de Janeiro.

Uma consulta no próprio *site* das revistas, pelos termos *subjetividade* e *subjetividades*, permitiu identificar que, das 14 revistas eletrônicas, três não apresentam menção e nem produções sobre o tema. Nas outras 11 revistas, foram encontradas 53 produções que mencionam os termos.

Após a análise, na íntegra, dos 53 manuscritos localizados, verificou-se que 14 artigos somente fazem menção aos termos, ou seja, não é uma questão foco ou discutível na produção. Os outros 39 trabalhos apresentam discussões; a produção mais antiga encontrada é de 1997 e a mais recente é de 2020. O maior número de produção data de 2004, com cinco artigos; em 2011, há quatro artigos; e, em 2019, quatro artigos. Sobre a autoria, 25 são produções individuais; dez realizadas em dupla; três desenvolvidas em trio; e uma produção com quatro pessoas. A maior parte das produções é do Sul do País, com 22 artigos.

Em relação à área de formação dos/as autores/as de produção individual (25 no total), 16 são do Serviço Social; sete são da Psicologia; um da Educação; e um da História. Há dez produções em dupla, prevalecendo assistentes sociais e psicólogos/as. As duplas são diversas e articuladas com outras profissões, como Antropologia, Enfermagem, Educação Física e História. Sobre as produções em trio (três no total), somente uma é interdisciplinar: Direito, Ciências Sociais e Psicologia. O segundo trio é formado somente por assistentes sociais e o terceiro somente por psicólogas. Por último, a única produção com maior número de participantes é constituída por dois psicólogos, uma médica/psicanalista e uma estudante de Medicina.

As discussões sobre a subjetividade estão articuladas com vários temas, como racismo, educação infantil, globalização, assistência estudantil, gênero, pesquisa, identidade e, com maior concentração, sobre marxismo e Serviço Social,

saúde mental e questões sobre o trabalho, seja na perspectiva teórica ou na atuação profissional.

Sobre o referencial teórico, de modo geral, dos 39 artigos – embora a maioria não apresente claramente a sua base teórica – a partir das leituras dos textos, das argumentações e das referências bibliográficas, foi possível perceber que 17 têm por apoio o materialismo histórico; 17 são interdisciplinares; e cinco são estruturalistas.

Portanto, esse levantamento refere-se a uma aproximação ao tema, pois não foi foco da pesquisa analisar todas as revistas e nem as outras bases de consulta de produções, como de teses, dissertações e livros, ou anais de eventos do Serviço Social, produções a serem consideradas em futuras pesquisas. Entretanto, foi escolhido um número viável de revistas, com a intenção de levantar algumas pistas para compreender como a categoria subjetividade é discutida na profissão e se esses dados se refletem, de fato, na vivência profissional.

Assim, trata-se de uma aproximação e não de uma leitura universal da temática apresentada. Por ser um levantamento, esses dados demonstram que há um conjunto de revistas voltado para a produção contínua de manuscritos para o Serviço Social sobre diversos temas, o que é importante para a promoção, socialização e sustentação teórica da profissão. Isto é, são 39 produções encontradas em um período de 23 anos, desde o primeiro artigo, encontrado em 1997, até o último, de 2020. A média é de 1,7 artigos publicados por ano sobre a temática.

De modo geral, sobre a subjetividade, evidenciam-se produções importantes, porém, muito abaixo da quantidade de outras produções que chegam a ter, em algumas revistas, cinco vezes mais publicações, como assistência social, violência, entre outros assuntos. Porém, a questão não é só quantitativa, mas aponta para o aspecto pedagógico-reflexivo. Por isso, é importante relacionar esses dados com as dimensões que constituem a profissão; as discussões realizadas no Serviço Social, em seus contextos históricos, nos impactos das trajetórias profissionais, nos posicionamentos e nas condições de trabalho

do tempo presente e nas perspectivas de futuro da profissão.

2 Aspectos importantes sobre a relação entre Serviço Social e subjetividade

A subjetividade é uma dimensão da vida relevante para a formação do sujeito e anterior aos processos de sua própria investigação científico-acadêmica. Acompanha o sujeito em suas experiências básicas, no encontro com o outro, nos processos de transformação da natureza, no aprendizado e na produção da cultura, exemplificando, por meio do trabalho como uma das vertentes da formação ontológica do ser social. As questões subjetivas marcam as vivências. E essas marcações são apresentadas nas narrativas e nos próprios corpos dos sujeitos atendidos pelos/as assistentes sociais. As crenças, os costumes e valores familiares e comunitários, enfim, cada área a seu modo, são alguns dos caminhos percorridos para lidar com a elaboração da ideia de subjetividade.

No que refere ao Serviço Social, Erimaldo Nicacio (2008), em seu artigo *Serviço Social e Subjetividade*, considera que, durante o processo de institucionalização da profissão, no Brasil, já era disponibilizada atenção para questões subjetivas das pessoas atendidas. Porém, destaca-se o modo como a subjetividade foi tomada e desenvolvida na atuação do/a assistente social, principalmente, a partir das produções da assistente social norte-americana Mary Richmond (1861-1928).

O Serviço Social desenvolve-se, no país, por influência das encíclicas papais e, consequentemente, das perspectivas das abordagens de caso, grupo e comunidade. Naquele contexto, por exemplo, a corrente psicanalítica desenvolvida nos Estados Unidos da América (EUA) influenciou o Serviço Social de caso, no Brasil.

Com o desenvolvimento da profissão, os anos de 1965 e 1975 são marcados pelo Movimento de Reconceituação, movimento latino-americano, o que, no Brasil se deu como renovação do Serviço Social; momento em que a profissão é repensada na tentativa de avaliar e modificar seus princípios,

suas concepções, práticas, seus posicionamentos e suas bases teóricas. Sobre esse aspecto, Nicacio (2008), pondera que:

A ênfase no estudo dos processos macro-sociais foi exigido pelo processo histórico de renovação do serviço social, não obstante, pode-se observar que alguns problemas deixaram de ser objeto de reflexão. Alguns destes problemas dizem respeito ao modo pelo qual a questão social é vivida pelos sujeitos no seu cotidiano e também aos impasses que surgem no contato direto do assistente social com os usuários. Tais problemas não encontram mais lugar no debate profissional, embora o assistente social, com frequência, se depare com eles na sua prática. Quais as razões desta lacuna? (NICACIO, 2008, p. 51).

Com o desenvolvimento da profissão, foi preciso aprofundar o olhar para as questões mais amplas e estruturais da formação da sociedade capitalista, bem como dos sujeitos afetados pelas desigualdades sociais. Entretanto, Nicacio (2008) avalia que, ao focar os aspectos mais amplos, macrossociais, outros temas foram desconsiderados, ou tratados de modo não significativo, criando-se, assim, o que ele chama de "lacuna", lugar em que se encontra também a subjetividade. O autor, em resposta à indagação apresentada na citação anterior, afirma:

Minha tese é a de que os obstáculos à inclusão das questões da subjetividade do debate profissional são os efeitos colaterais de algumas críticas ao serviço social conservador. Por um lado, a crítica ao psicologismo conduziu à recusa da interlocução com os saberes psicológicos e, por outro, a crítica ao tecnicismo teve como efeito colateral a depreciação da prática profissional. Estes dois efeitos, no meu entendimento, têm servido de obstáculo à inclusão das dimensões psíquicas e culturais das expressões da questão social (NICACIO, 2008, p. 51).

Isto é, enfrenta-se as perspectivas chamadas conservadoras, adaptativas ou psicologizantes, e cria-se a concepção de que o debate da subjetividade na profissão seria *incompatível* com a nova posição tomada e voltada para uma perspectiva crítico-social. É como se a crítica ao psicologismo abrangesse toda a psicologia e demais possibilidades de estudo e intervenção acerca do campo subjetivo do sujeito. Ainda assim, insistente na

questão, Nicacio (2008), considera que:

No processo de renovação do serviço social, a crítica ao psicologismo (redução dos problemas sociais a relações interpessoais e a processos psicológicos) desempenhou um papel fundamental no sentido de promover uma inflexão radical nas bases teórico-metodológicas e ético-políticas do serviço social. No entanto, ao combater a psicologização dos problemas sociais, rechaçou toda reflexão sobre a experiência subjetiva dos atores sociais. Mas não é só isso. Pode-se perceber, que se instalou na profissão uma recusa, em geral velada, de interlocução com os saberes do campo "psi". O combate ao psicologismo do serviço social conservador conduziu à denegação da dimensão do psíquico, como se ela não fizesse parte da realidade ou como se fosse algo secundário e, por conseguinte, menos importante (NICACIO, 2008, p. 51-52).

O não reconhecimento da subjetividade, ou o reconhecimento equivocado, ou o reconhecimento limitado, produz um "hiato" na profissão. É como se os sujeitos fossem feitos somente pelo *social*, pelos impactos do modo de produção e expressão capitalista. Logo, não são considerados a relação, a mediação, o atravessamento entre as múltiplas dimensões que compõem a vida. Certamente, os sujeitos são afetados pela estrutura, contribuindo, na fragmentação e/ou corrosão das subjetividades, porém, não com a mesma intencionalidade, intensidade e frequência. São as subjetividades que estão presentes na construção de gênero, classe, religiosidade e nos aspectos étnico-raciais (ARRUDA, 2021), entre outras áreas.

O campo identificado como "psi", por exemplo, é uma das áreas em que o/a assistente social mais pode encontrar dificuldades de se inserir ou de ser reconhecido/a como profissional capaz de produzir e desenvolver suas competências e atribuições, considerando que a subjetividade não se limita a esse campo, ou seja, está e vai muito mais além.

E o conhecimento sobre outras dimensões é importante, visto que pode contribuir para a compreensão e leitura da realidade. Quer dizer, o fato de ter o conhecimento comum das estações do ano, sobre o melhor modo e horário para se tomar sol, não significa que se esteja ocupando o lugar do meteorologista. Em outras palavras,

falar de subjetividade em Serviço Social não significa que se esteja desempenhando o papel de outro profissional ou que se esteja realizando ações que fogem das competências e atribuições profissionais.

Em muitas experiências, esse profissional tem que lidar com desafios constantes para se afirmar em sua posição, pois lida com desqualificações de terceiros que o colocam em funções e lugares que também o desqualificam em relação ao seu fazer profissional de fato. Esses são alguns "hiatos" manifestados em alguns espaços sócio-ocupacionais. Por isso, deve ter *crítica da crítica*, nas palavras de Nicacio (2008):

A crítica ao psicologismo conduziu à recusa de toda psicologia. Nossa hipótese é a de que esta recusa parece ser determinada por três fatores: o temor de um retorno ao psicologismo do serviço social conservador; a falsa dicotomia indivíduo-sociedade; a confusão entre interdisciplinaridade e ecletismo (NICACIO, 2008, p. 52).

Sobre a interdisciplinaridade, Morin (2003) observa seus vários sentidos, porém, considera que pode significar troca e cooperação, e se tornar orgânico. Isto é, uma interlocução de conhecimentos que propicia a ampliação do saber. Sobre o ecletismo, ainda são consideradas atuais as observações da professora doutora Myrian Veras Baptista (1992), que traz uma pertinente consideração:

[...] o fantasma do ecletismo (que não deixa de ser um problema real) assumiu o papel de 'camisa de força' impedindo certos avanços na prática profissional em relação à utilização de conhecimentos construídos fora dos paradigmas da leitura marxista. Na medida em que a leitura marxista não gera propostas de intervenção para outras questões imediatas – uma vez que sua preocupação se fixa nas relações amplas da sociedade – os assistentes sociais que se colocam nessa perspectiva vêem-se frente a um grande desafio: uma defasagem ou (para se usar um termo em inglês muito utilizado quando se refere à tecnologia) um 'gap', um buraco, entre o conhecimento teórico, amplo, e os desafios de sua prática imediata. O preenchimento desse 'gap' vai, no meu entender, exigir dos profissionais o recurso a conhecimentos que não foram, necessariamente, em sua origem, formulados dentro da proposta marxista (BAPTISTA, 1992, p. 93-94).

Nessa reflexão, faz-se necessário considerar a base de apoio acerca do pluralismo, um dos princípios fundamentais do Código de Ética do/a Assistente Social de 1993 (BRASIL, 2012, p. 24): "VII. Garantia do pluralismo, através do respeito às correntes profissionais democráticas existentes e suas expressões teóricas, e compromisso com o constante aprimoramento intelectual".

Nesse contexto, Nicacio (2008, p. 60) apresenta outra asserção: "Minha tese é a de que é possível a este profissional levar a sério as dimensões subjetivas e psíquicas da questão social sem cair no psicologismo". Porém, "em todo caso, é necessário que o profissional esteja aberto para refletir sobre estes diversos níveis de análise: o *macroestrutural, o político-institucional, o cultural/ideológico, o psíquico*" (NICACIO, 2008, p. 61, grifo do autor).

De acordo com o autor, são importantes tais conhecimentos, na perspectiva de compreender o sujeito multidimensional nos atendimentos; em considerar que as relações sociais e a "questão social" não são isoladas, mas que se articulam com outras dimensões simbólicas, culturais e políticas, por exemplo. Considerar a subjetividade e o psiquismo significa compreender o modo como a cultura e a sociedade lidam com esses aspectos e como os sujeitos que atendemos se formam e se posicionam na própria cultura e sociedade. Isto é, em escutá-los, apreender os seus discursos, contextos familiares, redes de apoio, vínculos de proteção, repetições, superações etc.

Autor importante para esse debate, Eduardo Mourão Vasconcelos produziu diversos livros e artigos sobre subjetividade e saúde mental no Serviço Social, como *Saúde mental e serviço social: o desafio da subjetividade e da interdisciplinaridade* (2000); *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa* (2002); a coletânea de três livros: *Abordagens psicossociais: história, teoria e trabalho V. I* (2008a); *Abordagens psicossociais: reforma psiquiátrica e saúde mental na ótica da cultura e das lutas populares V. II* (2008b); e *Abordagens psicossociais: perspectivas para o serviço social V. III* (2008c).

Vasconcelos (2000) afirma, porém, que o mo-

vimento de revisão da profissão produziu em seu cerne um “recalcamento” do tema subjetividade. Sobre esse aspecto, ao ser entrevistado em 2015, o autor apresenta brevemente a trajetória de seus estudos e pesquisas, e evidencia a importância da saúde mental na história do Serviço Social no Brasil e em outros países; apresentando reflexões primordiais sobre subjetividade; bem como as influências teóricas e práticas em seus respectivos períodos. O autor ainda argumenta que:

Outra constatação importante, e também paradoxal, é de que a nova direção tomada pelo processo de reconceitualização e de intenção de ruptura, fundamental para o novo projeto ético e político da profissão no Brasil, que tem méritos indiscutíveis e incontornáveis, acabaram por realizar também um processo de recalcamento na profissão dos temas relacionados à subjetividade e aos processos psicossociais, como se estes fossem, inexoravelmente, um retorno ao passado conservador das abordagens psicossociais anteriores e do psicologismo, ignorando as novas formulações no campo psicossocial e da psicologia social institucional e grupal, na esfera internacional e brasileira. Assim, a produção de pesquisas e publicações nestas temáticas tem sido muito escassa dentro da profissão a partir de então, tendo inúmeros efeitos problemáticos na formação e na prática profissional em vários campos de atuação do Serviço Social, mas se refletindo mais enfaticamente nas dificuldades que os assistentes sociais encontram no campo da Saúde Mental. [Vide NICACIO e BISNETO, 2013]. Uma das facetas deste recalque diz respeito às dificuldades para uma formação pluralista e interdisciplinar na profissão (valores presentes no atual Código de Ética da profissão!), que respeitem as particularidades dos fenômenos e de cada área de conhecimento que atravessam o seu campo de estudo e atuação, sem necessariamente cair no ecletismo ou no relativismo ético e político (VASCONCELOS, 2015, p. 140-141).

Vasconcelos (2015) reafirma a importância desse movimento, o qual, sem dúvida, foi necessário para que o Serviço Social se posicionasse de modo mais aprimorado, contemplando as novas demandas sociais e atento aos processos de produção da desigualdade, e, consequentemente, da fetichização do sujeito. Porém, ao tentar romper com o conservadorismo, rompeu também com parte da história que poderia ter sido revisada e não “recalcada”.

Na direção inversa, um bom exemplo deste fechamento ao debate interteórico é a forma como a profissão no Brasil tem se apropriado da tradição marxista sobre a subjetividade, desprezando muitas contribuições importantes, como a do freudo-marxismo e dos vários e diferentes autores da Escola de Frankfurt, que incursionaram pelas fertilizações mútuas entre o marxismo e a psicanálise (VASCONCELOS, 2015, p. 141-142).

Em relação ao marxismo e à psicanálise, Safatle (2012), em participação no debate sobre os novos livros de Slavoj Žižek (*Vivendo no fim dos tempos* [2012]) e Alain Badiou (*A hipótese comunista* [2012]), traz um argumento pertinente sobre o ponto em comum entre a teoria social e a tradição psicanalítica:

[...] eu diria que há algo em comum entre os dois, que me parece bastante interessante, que é a compreensão de que uma verdadeira crítica social deve ser, ao mesmo tempo, uma crítica da razão e uma crítica das formas de vida. [...] Não há crítica social possível sem uma reflexão aprofundada a respeito da maneira com que uma certa noção de razão constituiu certas formas hegemônicas de pensar, que tem realidade social, enquanto processo gerais de racionalização, mas, também, tem realidade filosófica. [...] Trata-se, na realidade, de dizer: o que une psicanálise e marxismo, antes de mais nada, a compreensão dos limites de modelos de vida enteficados sob a forma do indivíduo. Se por um lado, a psicanálise sempre insistiu que há um preço muito alto a se pagar para se formar um indivíduo, e que esse preço, de uma certa maneira, ele aparece no sofrimento psíquico, ele aparece nas modalidades de sofrimento psíquico, seja sobre o mal-estar, sobre suas formas de sintomas, inibições e angústias, uma das ideias do marxismo é que o modelo de sociedade baseado na associação de indivíduos, tal como nos encontraríamos numa dimensão própria do livre mercado, só pode ser uma patologia social. Então, essas figuras, tanto das patologias sociais que aparecem na tradição marxista, como a ideia de reificação, ou as figuras que aparecem na tradição psicanalítica, como a ideia de mal-estar, relacionado ao processo do impacto civilizatório, acaba fornecendo uma base muito importante para toda a dimensão e orientação das exigências da crítica social (informação verbal).²

Sobre o marxismo e a subjetividade, envolvem a articulação de temas delicados, pois se imagina que a subjetividade estaria considerando somente o indivíduo, culpabilizando-o de sua condição.

² Fala de Vladimir Safatle em participação no debate ocorrido em 4 jul. 2012, no Espaço da *Revista Cult*, em São Paulo, SP, Brasil.

Porém, essa discussão foi bem desenvolvida por Vasconcelos na coletânea de três livros: *Karl Marx e a subjetividade humana: a trajetória das ideias e conceitos nos textos teóricos V. I* (2010a); *Karl Marx e a subjetividade humana: uma história das ideias psicológicas na Europa até 1850 V. II* (2010b); e *Karl Marx e a subjetividade humana: balanço de contribuições e questões teóricas para debate V. III* (2010c). Nesse último volume, o autor apresenta suas convicções sobre as contribuições e os desdobramentos do marxismo na trajetória da psicologia sócio-histórica, na saúde mental, na educação e na linguagem, principalmente no que se refere à fetichização e aos processos de dominação e opressão.

Por exemplo, Chagas (2013), em seu texto *O pensamento de Marx sobre a subjetividade*, expõe que esse tema é pouco conhecido e divulgado, precisando ser mais difundido e ampliado. Quando discutido, por vezes, é de forma secundária e, até mesmo, equivocada. Nessa produção, o autor analisa a relação entre subjetividade e objetividade, pois "Marx não compreende a subjetividade como um simples reflexo das determinações da base econômica, como um mero produto do econômico, e sim como um componente inseparável dos processos de formação da vida humana" (CHAGAS, 2013, p. 65). Ao analisar, em Marx, o fetichismo da mercadoria, o autor ainda entende que:

Marx destaca a presença de uma objetividade sem subjetividade, ou de uma subjetividade mutilada, esvaziada, para qual a realidade aparece como um mundo exterior; quer dizer, o sujeito desconhece o mundo, a sua própria atividade, as condições pelas quais se produzem a sua própria existência, percebendo o mundo, a existência real, como fora dele, externa e alheia a ele, e não como um produto de seu próprio trabalho, de sua própria subjetividade. Marx vê aqui o anúncio da "morte" do sujeito, já que, nessas condições fetichizadas, os sujeitos enquanto sujeitos ativos, livres e conscientes são abolidos e se tornam coisas vivas (de ordem mercadológica), e os produtos de seu trabalho, as mercadorias, aparecem como atributos de si mesmas, autonomizadas, dotadas de um poder sobrenatural, ocultando, dessa maneira, a sua origem, a sua fonte, isto é, o trabalho social que as fundamenta (CHAGAS, 2013, p. 82).

Pode-se refletir sobre o "anúncio da morte do sujeito" a partir dos processos de fragmentação no trabalho, da falta de reconhecimento humano, da desqualificação dos modos de vida, da desvalorização profissional e do não pertencimento social. Questões que contribuem, inclusive, para outras mortes simbólicas, como o desencadeamento e/ou a intensificação do adoecimento do sujeito. Na ótica da superação dessas questões, portanto, na perspectiva de um projeto emancipatório, de acordo com Chagas (2013), é preciso acreditar que:

[...] para haver emancipação, revolução social, é necessária não só uma transformação das condições materiais, mas também da subjetividade humana, que, para agir crítico e emancipadamente sobre o mundo, terá que renunciar às referências, às imagens do passado que não ultrapassam a ordem social do capital (CHAGAS, 2013, p. 72).

Essas leituras são pertinentes para pensar como a subjetividade é tomada e reconhecida enquanto dimensão da vida dos/as assistentes sociais; das pessoas atendidas; das relações profissionais e cotidianas; bem como da formação e atuação profissional, o que chama a atenção para o debate sobre a relação entre instrumentalidade e subjetividade:

A questão da instrumentalidade, ou seja, as dificuldades na formação profissional no tratamento dos dispositivos operativos práticos, atingem todos os campos de atuação, mas também o campo da Saúde Mental. Os processos subjetivos da relação direta entre os profissionais e os usuários, como as estratégias de envolvimento/distanciamento, os processos de transferência e contratransferência, o estresse diário de lidar com a pobreza, a miséria, sofrimento humano e morte, não discutidas na formação, geram dificuldades substanciais na prática profissional no dia a dia (VASCONCELOS, 2015, p. 143-144).

Vasconcelos (2015) ainda apresenta uma série de temas que poderia ser vista com mais atenção, porém, considera-se que alguns deles já estão presentes na formação e na discussão e no trato profissional na atualidade, com estratégias, pesquisas e estudos realizados:

Há outros temas fundamentais do processo humano e social recalçados e ignorados na atual formação dos assistentes sociais, muitas vezes como verdadeiros tabus: o tema da morte e da finitude; os fenômenos religiosos e espirituais; o trabalho de cuidado e o acolhimento de pessoas no âmbito familiar e de serviços públicos, e os processos subjetivos, demográficos e de gênero associados a eles; aparelho psíquico, processos inconscientes, emoções, sexualidade e identidades sexuais; a subjetividade dos processos heroicos no trabalho profissional e na militância social; saúde mental do trabalho; os processos grupais e institucionais, etc. Estes temas e suas implicações estão presentes o tempo todo nas práticas em vários campos de atuação do Serviço Social, mas nos serviços de saúde mental eles têm um impacto maior (VASCONCELOS, 2015, p. 144).

Os apontamentos do autor possibilitam analisar com mais acuidade o modo como estão se constituindo essas demandas para a profissão, tal qual a atuação profissional deve se desenvolver em seu fazer. Nisso, Vasconcelos (2015) propõe o caminho interteórico e interdisciplinar. Na visão do autor, na falta de conteúdos expressivos, que sirvam de base para a atuação:

Assim, quando chegam à vida profissional, os assistentes sociais, ao atuarem sobre tais temas, não têm outra alternativa a não ser mobilizar o repertório pessoal e cultural espontâneo, sem a devida qualificação profissional, ou de forma defensiva, burocrática e impessoal, para evitar o contato, as ambiguidades e o sofrimento associado a tais processos. Assim, o Serviço Social reduz sua competência profissional e há perdas significativas na qualidade de seu trabalho junto aos usuários e instituições das políticas sociais (VASCONCELOS, 2015, p. 145).

Por considerar a subjetividade elemento importante para o Serviço Social, as contribuições de Gentilli (2011) apontam para as condições de sociabilidade dos sujeitos, ou seja, que a subjetividade não é dada e requer condições necessárias para que os sujeitos possam se desenvolver, pois:

Cada indivíduo, segundo as possibilidades de sua história de vida, suas experiências anteriores e presentes e perspectivas de devir é marcado em sua subjetividade pela imersão no mundo social. Existe uma simultaneidade entre a constituição econômica e social da sociedade e a constituição das demais condições de existência humana, como a cultura, a ideologia, a política, a linguagem, os costumes, os valores, as normas e as regras sociais (GENTILLI, 2011, p. 217).

É preciso reconhecer as subjetividades, bem como os atravessamentos que ocorrem durante a trajetória de vida e dos processos sociais. De acordo com a autora, a subjetividade é um dos traços singulares do sujeito que se constitui por meio da socialidade. Gentilli (2013), avalia que:

As novas formas de manifestação e publicização da vida íntima emergem com novas demandas por reconhecimento de subjetividades diversas que reclamam por uma nova sociabilidade tolerante, respeitosa e legalmente constituída como efetividade de direitos, por uma sociedade mais justa e pela realização das promessas políticas da democracia (GENTILLI, 2013, p. 319).

O âmbito da subjetividade exige estudo constante e variado para a construção de bases éticas e criativas para o desenvolvimento da profissão. E as reflexões apresentadas aqui, de modo algum, visam a encerrar a discussão, mas pretendem chamar a atenção sobre a importância do tema para a profissão a partir de outras leituras e análises de pensamentos diferentes dos comumente apresentados.

Ademais, considera-se importante a leitura da subjetividade pela via da teoria social crítica, bem como de outras perspectivas que se coadunam com a valorização humana e que se colocam contra a exploração, opressão e dominação dos sujeitos. Assim, a partir dessas reflexões, o próximo item toma uma obra artística, o filme *Coringa* (2019), para embasar a análise da relação entre o Serviço Social e a subjetividade.

3 *Coringa*: aspectos importantes para pensar sobre Serviço Social e Subjetividade

Historicamente, o *Coringa* foi criado em 1940, pelo escritor Bill Finger e os desenhistas Bob Kane e Jerry Robinson, porém, há controvérsias entre os criadores sobre a autoria e coautoria do personagem. Há informações de que o *Coringa* foi criado inspirado na figura da carta de baralho e/ou no personagem do filme norte-americano *O homem que ri* (1928), dirigido por Paul Leni (1885-1929), cineasta do expressionismo alemão, que traz a história de Gwynplaine, interpretado por

Conrad Veidt (1893-1943).

O filme ilustra a Inglaterra do século XVII, em que o rei, ao desconfiar que foi traído pelo pai de Gwynplaine, determina a sua morte. Gwynplaine, ainda criança, é entregue aos cuidados dos ciganos, que pedem a um doutor que corte os cantos de sua boca para passar a impressão de ele estar sempre sorrindo e para utilizá-lo como atração circense.

O filme é baseado na obra *O homem que ri* (2019)³, do escritor francês Victor Hugo (1802-1885). Sobre o Coringa, o que se percebe é que há várias origens possíveis, tanto explicações reais quanto ficcionais e, até mesmo, a hipótese de que há vários Coringas.

O Coringa é um personagem que ficou conhecido por seus trejeitos, a expressão facial e a gargalhada. Nas histórias entre super-heróis e vilões, é um dos mais conhecidos. Ficou marcado como a representação do mal, da criminalidade e por ser visto como o principal inimigo de Batman. Desde a sua origem, há diversas produções e versões, como em *video game*, seriados e séries de animação; e foi interpretado por vários atores em filmes como, por exemplo, Cesar Romero, em *Batman: o Homem Morcego* (1966); Jack Nicholson, em *Batman* (1989); Heath Ledger, em *Batman: o Cavaleiro das Trevas* (2008) e Jared Leto, em *Esquadrão Suicida* (2016).

Personagem com mais de 80 anos de existência, esta análise tem como foco a última produção, *Coringa*, de Todd Phillips, lançada em 2019, com papel interpretado por Joaquin Phoenix, também chamado, no filme, pelo nome de Arthur Fleck. O filme arrecadou mais de US\$ 1 bilhão, nos cinemas, tornando-se a película, para pessoas adultas, mais rentável da história do cinema, até então.

O filme apresenta uma narrativa contundente, constituída por elementos que apresentam a trajetória de vida do Coringa e com significativas imagens, que chamam a atenção por sua expressão e sensibilidade. Diferentemente de outras versões, a atual mostra que Arthur Fleck encontra,

na arte, um modo de vida. Como palhaço, tenta encontrar caminhos para sobreviver.

Freud (2010)⁴ em *O mal-estar na civilização* diz que o sofrimento nos ameaça em três fatores: do próprio corpo, do mundo externo e das relações com os outros. Percebe-se que o sofrimento de Arthur Fleck envolve essas três dimensões e a arte é um de seus caminhos sublimatórios, que contribui em seu fazer humano. Freud (2010, p. 37) reconhece as influências da arte na vida: "[...] mas a suave narcose em que nos induz a arte não consegue produzir mais que um passageiro alheamento às durezas da vida, não sendo forte o bastante para fazer esquecer a miséria real". E isso muito se aproxima da realidade vivenciada pelo personagem Arthur Fleck.

A hipótese é que a condição de Arthur esteja associada ao Transtorno da Expressão Emocional Involuntária/*Involuntary Emotional Expression Disorder* (IEED), ou afeto pseudobulbar, que "consiste em um transtorno do afeto, caracterizado por uma dificuldade em controlar a expressão emocional, que se apresenta por episódios breves e estereotipados de riso e/ou choro incontroláveis" (SARTORI *et al.*, 2008, p. 20). É importante salientar que o comportamento do personagem não reflete exatamente os traços da doença, principalmente em relação às cenas de violência.

Coringa não surge do nada, por isso, o que se vê é a construção psicossocial de um sujeito que vivencia situações de violência e prazer, momentos esclarecedores e confusos; processos de subjetivação e dessubjetivação. Isto é, questões de sua singularidade e suas relações familiar e social. Assim, o filme pode ser analisado e interpretado sob vários ângulos, pois toca em múltiplas questões técnico-cinematográficas, da vida, das instituições, da sociedade. Portanto, após essa breve exposição histórica do filme, seguem alguns elementos que subsidiam sua análise na perspectiva das interfaces entre o Serviço Social e a subjetividade.

Arthur Fleck é um sujeito que faz da arte um modo de trabalho e existência. Trabalha como

³ A obra *O homem que ri*, de Victor Hugo, foi originalmente editada em 1869.

⁴ A obra *O mal-estar na civilização*, de Sigmund Freud, foi originalmente editada em 1930.

palhaço em uma instituição com outras pessoas. O filme começa com o personagem fantasiado de palhaço e fazendo animação para uma loja, em frente à sua entrada, na calçada.

É interessante pensar a simbologia do palhaço, pois o significante do termo e da figura muda conforme o uso e o contexto. Isto é, palhaço é uma profissão, porém, no Brasil, a mesma palavra é utilizada como forma de xingamento, desobediência ou modo de desqualificar a integridade do outro. Em outro contexto, a tatuagem de palhaço significa que o sujeito é assassino de policiais, dentre outras associações.

Mas, veja-se, o palhaço, para os jovens periféricos, pode ser uma figura muito importante. Por quê? Muitas pessoas pensam que o palhaço, para eles, tem a ver (somente) com a criminalidade. Ao trabalhar com os jovens em cumprimento de medida socioeducativa, em acolhimento institucional e no sistema prisional, foram identificadas outras leituras: como uma memória da infância, como aqueles que nunca foram ao circo, como aqueles que se recordam de um brinquedo que quebrou, como a referência do pai. Esse é um aspecto importante, identificar o significado não somente na cultura e nas instituições, mas também a partir do próprio sujeito, considerando o modo como vive e o que deseja.

A imagem do palhaço é significativa. Figura misteriosa, que faz coisas engraçadas, que torna o próprio corpo cômico, para provocar alegria e extrair sorrisos e gargalhadas do outro. Quanto mais o outro ri, mais o palhaço consegue existir e se reconhecer nesse processo. Entretanto, a atração nem sempre proporciona risadas no público, mas também reflexão, devido à capacidade do palhaço em tratar com leveza questões sérias e complexas da cotidianidade. Para alguns, a imagem do palhaço pode promover reações como medo ou pânico. O palhaço, então, nesse sentido, é aquele que inverte a lógica do real, que consegue esconder o seu eu por detrás da fantasia e expor mais a sua imaginação.

Mas é importante pensar em outros aspectos, para não centrarmos tudo em uma única imagem e expressão sobre o palhaço, bem como outras

dimensões e representações de lugar:

a) bobo da corte, figura que ficava no palácio, como responsável por divertir reis e rainhas, e fazê-los rir;

b) "circo dos horrores" (*freak shows*), apresentação que ganhou notoriedade entre os séculos XIX e XX e que designa a exposição em determinados circos de pessoas com alguma deficiência e/ou aparência ou comportamento fora do padrão, como é o caso da africana Sarah Baartman, que recebeu o nome artístico de *Vênus Hotentote*. Ela era exibida como atração circense, em razão de sua estética, assim como os irmãos siameses Chang e Eng;

c) bufão é uma categoria de palhaço que utiliza a comicidade por meio de movimentos corporais e falas sarcásticas. Isto é, "o bufão é um palhaço com origem nos tempos medievais que faz uso da comicidade, principalmente, por meio de gestos corporais grotescos e falas irônicas" (OLIVEIRA, 2017, p. 6). E sobre essa última modalidade, cabem algumas observações. Oliveira (2017), ao analisar a linguagem e as características de *O curinga no teatro Fórum*, e do bufão, considera que o comportamento bufônico está entre as contradições, ou seja, "entre o trágico e o cômico, entre a verdade e a mentira, entre o cênico e o real" (OLIVEIRA, 2017, p. 45). A autora considera, também, que:

Os bufões têm como característica marcante, sobretudo em tempos próximos à sua origem, as deformações corporais. O corpo deles é engrandecido, com corcundas, rostos assimétricos, barrigas grandes, peitos inflados. As dualidades presentes nas ações do bufão são representadas, também, nas distorções físicas, que metaforizam sua visão invertida do mundo (OLIVEIRA, 2017, p. 46).

Nessa perspectiva, "o bufão deve denunciar as opressões sociais e desconstruir a hierarquia presente nelas" (OLIVEIRA, 2017, p. 49). Historicamente, a expressividade desse personagem era expressa em vários lugares, ou seja: "nas praças, ruas, tavernas, castelos, casas de nobres, os bufões faziam circular a cultura de sua arte. Na rua e em espaços públicos disseminavam o espírito da diversão e do deboche, pondo em jogo fatos

da realidade" (OLIVEIRA, 2017, p. 46). Seria, então, o bufão *louco*? "A loucura trazida pelos bufões foi considerada na Antiguidade um signo do entendimento humano. A loucura da atuação dos bufões era tolerável socialmente, pois se aceita do louco o que não se aceitaria de uma pessoa 'normal'" (OLIVEIRA, 2017, p. 48);

d) há também aqueles que utilizam comédias e mímicas, como a arte de Charles Chaplin (1889-1977), conhecido também como Carlitos, no cinema mudo, durante o século XX, quando se destacam os filmes: *Carlitos Repórter* (1914), *Corridas de Automóveis para Meninos* (1914), *O Vagabundo* (1915), *O Garoto* (1921), *Em Busca do Ouro* (1925), *O Circo* (1928), *Luzes da Cidade* (1931), *Tempos Modernos* (1936), *O Grande Ditador* (1940), *Monsieur Verdoux* (1947), dentre vários outros artistas;

e) Sena e Oliveira (2021) analisaram a historicidade constitutiva da figura do palhaço, como a dupla cômica Branco e Augusto. Branco é elegante nas roupas e nos movimentos, expressa educação, tem o controle da cena. Já Augusto, com a sua marca característica, que é o nariz vermelho, é desajeitado e indelicado. Isto é:

O Augusto é exatamente o contrário do Branco: o Branco se mostra com aparência de rico e trabalha com perfeição; e o Augusto é o pobre desajeitado. A dupla de palhaço, Branco e Augusto, representa um aspecto estrutural da sociedade e da luta de classes. Enquanto o Branco promove a ordem e o dever, o Augusto representa o marginal. O palhaço Augusto nasce, portanto, nesta/desta realidade: ele é pobre, humilde, mas não deixa se levar pelas adversidades, muito pelo contrário, brinca com a sua própria situação, caçoa com o tamanho exagerado de seu sapato e com a calça que se arrasta no chão (SENA; OLIVEIRA, 2021, p. 17);

f) há também o Contra-Augusto, que "[...] está entre dois extremos: o autoritarismo, a sublimidade, a inteligência e a delicadeza do Branco, e a tolice, a rudeza, a ingenuidade, o grotesco e a subordinação do Augusto. O Contra-Augusto é a legítima figura do 'puxa saco'" (SENA; OLIVEIRA, 2021, p. 18);

g) palhaços assustadores, que são represen-

tados em filmes de suspense ou terror, como em *It: a Coisa* (2017);

h) humorista/comediante, que expressa narrativas engraçadas, piadas, até mesmo o humor ácido, ou pesado (não se diz humor negro, para se referir a essa modalidade), tendo como exemplos de referências para apresentações programas de televisão, redes sociais, teatro, *stand up*, dentre outros;

i) *chisteiro*, pessoa que tem a piada como modo narrativo, hábito; que faz piada com palavras de duplo sentido. Esse tipo não tem um lugar de referência específico, transita pela sociedade. Com ressalvas que o chiste tem a ver com humor, piada, aforismo e não é específico de determinados sujeitos. Aqui, utiliza-se o termo *chisteiro* com a intenção de destacar a sua manifestação acentuada em determinadas expressões e contextos. Sobre o tema, Freud (2017)⁵ analisou a fundo essa questão e identificou que o chiste é também uma maneira de expressão do inconsciente. No campo artístico, como exemplo, observa-se os chistes de Chaves, interpretado pelo ator mexicano Roberto Gómez Bolaños (1929-2014).

Enfim, sem a pretensão de definir e explorar todas as modalidades do palhaço, considerando as múltiplas expressões, percebe-se que o Coringa (2019) do filme *expressa* a tragicomédia, mistura de acontecimentos trágicos risíveis e impactantes, aspectos atravessados por sua história de vida e condição afetiva.

Assim, retomando o filme, Arthur Fleck, enquanto trabalhava manuseando uma placa, que trazia um anúncio da loja, a teve roubada por um grupo de jovens. Ao persegui-los, Fleck acaba por ser agredido pelos jovens, uma cena de violência que se expressa no espancamento. Ao longo do filme, há outras cenas de violência, mas também contrastes como gestos de amor, por isso, aqui são tomados não enquanto conceituações, mas como conteúdos a serem desenvolvidos.

Em outro momento, adquire uma arma, símbolo de proteção, um modo de se defender, assim como ocorre na situação no metrô, em

⁵ A obra *O chiste e sua relação com o inconsciente*, de Sigmund Freud, foi originalmente editada em 1905.

que presencia uma jovem sendo importunada por três rapazes. O fato torna-se um dispositivo para que comece a gargalhar e chame a atenção dos jovens, que acabam o agredindo. Como consequência do fato, Coringa mata os três jovens, foge da estação, corre pelas ruas, entra em um banheiro público e começa a dançar.

Arthur mora com a mãe, Penny Fleck, uma senhora que requer atenção. Ele, então, é a referência de cuidados de sua mãe – cuidados no banho, na alimentação, nos favores e nos diálogos, na companhia. Interessante observar essa relação que, em muitas sociedades, não é ocupada pelo homem, como lugar de proteção, de presença contida de valor e segurança.

A casa de Arthur é o seu mundo particular, onde se senta no chão para ver televisão; em que fica sem camisa; onde a geladeira serve para esfriar o corpo, como uma forma de baixar a temperatura das tensões da vida; onde o cigarro faz parte de seus preenchimentos e vazios, fumaça que parece neblina e ofusca uma trilha ondulosa ou, até mesmo, a fumaça do palco que anuncia a atração. Sua casa é a sua intimidade e as ruas o seu palco. Resgatando uma frase emblemática e muito divulgada nas redes sociais, atribuída ao filósofo e escritor indiano Jiddu Krishnamurti (1895-1986): "Não é sinal de saúde estar bem adaptado a uma sociedade profundamente doente".

Arthur Fleck sofre de uma condição que, em momentos de tensão, ansiedade, angústia e nervosismo, o leva de modo involuntário a gargalhar. Sabendo da reação das pessoas, ele anda com um cartão com um breve texto explicando a situação, na frente: "*Forgive my Laughter: I have a Condition [More on back]/ Perdoe minha risada. É uma doença. [Mais no verso]*". E, então, do outro lado: "*It's a medical condition causing sudden, frequent, and uncontrollable laughter that doesn't match how you feel. It can happen in people with a brain injury or certain neurological conditions. Thank You! [Kindly return this card]*". É uma condição médica que causa risos repentinos, frequentes e incontroláveis, que não correspondem em como você se sente. Pode

acontecer em pessoas com lesão cerebral ou certas condições neurológicas. Obrigado! [Por favor, devolva este cartão]".

Nem toda gargalhada é de alegria, nem toda gargalhada é por algo engraçado e nem toda gargalhada de Arthur é *patológica* também! São aspectos sensíveis que, na leitura das subjetividades, podem colocar o interlocutor em cheque. As subjetividades sofrem interferência da cultura, das relações que o sujeito constrói ao longo da vida, mas também são desobedientes, seguem caminhos não traçados e não racionalizados. De acordo com Yazbek (2009):

Há, portanto, uma clara vinculação entre a constituição da individualidade, da subjetividade e a experiência histórica e cultural dos indivíduos. Experiências que envolvem sentimentos, valores, consciência e que transita pelo imaginário e pelas representações (YAZBEK, 2009, p.84).

Além do filme, um caso real contribui para essa reflexão: é comum que assistentes sociais atendam a casos em que as pessoas expressam seus problemas ou algum direito social que não tenham conseguido ter acesso, isso seria a *demanda apresentada* pelo sujeito atendido. Porém, o olhar sensível volta-se também para a *demanda percebida*, ou seja, cabe refletir sobre o contexto, as condições e os significantes presentes nas narrativas das pessoas que escutamos, pois uma demanda não é isolada, mas a representação, ou pode receber carga maior de representatividade, de acordo com a situação.

O sujeito atendido, ao dizer que vivencia um momento de fragilidade e conflito familiar, por não ter do que se alimentar, ou por estar desempregado, pode continuar vivenciando a situação de outra maneira, mesmo após obter condições materiais favoráveis para organizar a sua vida. Quer dizer, muda-se a condição objetiva, mas não há alteração na subjetividade, *expressivamente*. Um exemplo: jovens que conseguem romper ciclos de violência, porém, não conseguem romper, ao mesmo tempo, com as consequências dessas experiências. É aí que o/a assistente social deve se atentar para a relação entre subjetividade e objetividade; considerar as complexidades, as

oposições, as expressões e os tempos dos sujeitos, que podem ultrapassar o campo da cultura, os processos de produção da linguagem, os nexos e os não ditos. Porém, não são dimensões de encaixe perfeito, há contradições e contrastes entre elas. Então, pensar a subjetividade implica pensá-la sem censura, sem colocá-la como rival ou inimiga da materialidade, mas considerando limites e aspectos da ordem do enigmático. Em outras palavras, conforme Marx (2012, p. 28)⁶ "de cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades!".

Quem é Arthur Fleck? Pergunta curta e difícil de ser respondida. Dizer que é um sujeito em sofrimento, parece viável, mas um sujeito em sofrimento, em razão de marcas simbólicas deixadas por sua história de vida e por uma sociedade que também produz sofrimentos, sociedade transtornada. Não se trata de uma relação de causa e efeito, tampouco de desconsiderar as implicações de Arthur.

Ele tomava uma quantidade excessiva de remédios, os quais foram cortados pelo governo. Cenas marcantes também são os seus diálogos com a profissional que o atende. Em um desses atendimentos, ele reclama que não é ouvido e que as perguntas são as mesmas, todas as semanas. Um atendimento frio, distante do sujeito, voltado para protocolos, perguntas e respostas. Em um dos atendimentos, Arthur fala de sua vida, porém a profissional não lhe dá a atenção desejada e ele indaga: "Você escutou o que eu disse?". Pensando a cena na realidade do/a assistente social brasileiro/a, indaga-se qual é o papel da escuta na atuação do/a assistente social? O que fazemos quando escutamos? O que é preciso para escutar? Certamente, Rubem Alves (2015), em seu livro *O amor que acende a lua*, em especial nos itens *Escutatória* e *Se eu fosse você...*, traz valiosas reflexões para dialogar com as indagações anteriores, pois apresenta contribuições sensíveis acerca dos silêncios, dos significados e dos labirintos da escuta.

Percebe-se que, ao longo do filme, o personagem vive várias transformações e descobertas: vivencia a precarização do trabalho, a demissão, o desemprego, a busca por emprego, as afetações em sua saúde mental, o desejo de ter espaço como comediante, o abandono, a frustração, a rejeição, a fantasia e descobre fatos desconhecidos de seu passado. De acordo com Marx (2009, p. 110, grifo do autor)⁷, "o homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum *sentido* para o mais belo espetáculo; o comerciante de minerais vê apenas o valor mercantil, mas não a beleza e a natureza peculiar no mineral [...]".

Há o seu desejo de participar do programa de TV de Murray Franklin; a exposição pública de sua imagem, de modo pejorativo, no programa que admirava até então; o soco na cara recebido por quem pensava ser seu pai; a vontade de ter alguém para amar, o que o leva a fantasiar várias cenas com a vizinha Sophie Dumond.

Sobre a sua origem, ao ler uma das cartas que sua mãe lhe pede para enviar ao ex-patrão, ele descobre que se tratava de cartas encaminhadas ao seu pai. A partir daí, vai em busca de sua história; descobre que os fatos não são bem como a mãe dizia e recorre a uma instituição em que a mãe ficara internada, *Arkham State Hospital*/Hospital Estadual de Arkham e, nos prontuários, descobre que foi adotado e sofreu abusos na infância, traços importantes de sua formação nessa família (LACAN, 2003).⁸ Da busca do pai, ao assassinato de sua própria mãe, Coringa age de modo violento com aqueles que, primeiro, foram violentos com ele.

Arthur torna-se o Coringa. Com a morte dos três jovens, torna-se referência na cidade. Torna-se líder pela imagem do palhaço. Grupos formam-se usando máscaras. O Coringa é reconhecido mesmo sem saberem quem ele é, até ser convidado para ir ao programa de TV de Murray Franklin, e aproveita a ocasião para vingar-se.

Portanto, sem a pretensão de exaurir o filme, mas discutir apenas alguns aspectos, segue uma

⁶ A obra *Crítica ao programa de Gotha*, de Karl Marx, foi originalmente editada em 1875.

⁷ A obra *Manuscritos econômicos-filosóficos*, de Karl Marx, foi originalmente editada em 1844.

⁸ A obra *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, de Jacques Lacan, foi originalmente editada em 1938.

letra de *rap*, apoiada em licença poética, como forma de sistematizar o que foi apresentado aqui. Inclusive, é uma contribuição e um modo poético-conceitual-aberto do que se defende, neste artigo, como subjetividade:

Prazer, Coringa!

Vejam só, até então, visto como vilão,
Visto como crápula, algoz, ladrão.
De fato, confesso, juro, não sabia,
Que mostrar a minha história esgotava a bi-
heteria...

Sou um sujeito mediado pelas artes,
Na correria, agrupando as minhas partes.
E minha risada que não é felicidade,
É sofrimento, não controlo, é verdade...
Um sujeito camuflado de palhaço,
E esses remédios que me caem como um laço.
Eu sou assim, eu vivo assim, infelizmente,
Sociedade adoecida: estou doente...

Você escutou o que eu disse?

Sem escuta é como se me agredisse.
Pois meu silêncio está à procura de atenção,
E eu vou dançando, questionando a sua razão...

Você escutou o que eu disse?

Prazer, Coringa!

(ARRUDA, 2022).

Considerações finais

O debate sobre a relação entre Serviço Social e subjetividade deve ser desenvolvido de modo amplo, explícito, estrutural e interdisciplinar na profissão (considerando as produções identificadas no levantamento bibliográfico), para superar a "lacuna" (NICACIO, 2008); identificar e questionar os processos temáticos que são "recalcados" (VASCONCELOS, 2000); preencher o "gap" (BAPTISTA, 1992), ou seja, construir mediações para encontrar os pontos desse "hiato"; considerando que, ao tratar desse tema, a proposta é contribuir com a profissão, o fortalecimento das dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operacional. Assim, essas são algumas pistas para avançar no processo contínuo de renovação, a partir da história da profissão, da experiência

em sala de aula, no trabalho em equipes multi e interdisciplinares, na busca por produções que possam dar sustentação e instrumentação às novas demandas contemporâneas, principalmente, aquelas identificadas pelos marcadores sociais da diferença.

Considera-se que o/a assistente social implicado/a nesse tema não está regredindo ao *conservadorismo*, ao *subjetivismo*, nem praticando o *psicologismo*, tampouco indo contra os princípios éticos e as competências e atribuições profissionais (BRASIL, 2012). Está, sim, atentando ao campo sensível de sua subjetividade e a do sujeito que será atendido, na perspectiva dos direitos humanos, principalmente no atual cenário, atentando-se às subjetividades em relação às redes sociais, às tecnologias, à pandemia de COVID-19 e às ações governamentais ultraneoliberais.

Também é importante analisar os significantes "escuta", "caso", "grupo", "atendimento", "acompanhamento", "encaminhamento", "rede", "clínica", "terapêutico" e "vínculo" para não sair automaticamente nomeando de conservadoras as práticas profissionais. Isto é, evitar cair na armadilha linguística da polissemia e da semântica.

Percebe-se que o tema da subjetividade no Serviço Social transita, tal qual apresenta-se aqui, entre a superficialidade, a polêmica e o abandono, o que acaba por empobrecer o diálogo e a construção, a partir de pensamentos múltiplos e diferenciados, pois a questão da subjetividade não é uma supervalorização temática e sim uma realidade que se expressa em sala de aula, nos atendimentos, na vida.

Em suma, trajetórias de vida como a de Arthur Fleck, o Coringa, servem de base para pensar quanto uma vida traz em si diversas histórias. De como a subjetividade é importante para a desconstrução de estigmas e para o cuidado no contato direto com aquele que a sociedade já condenou *simplesmente* por não ter *domínio* sobre o seu corpo, como a gargalhada...

Referências

ALVES, Rubem. *O amor que acende a lua*. 15. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2015.

- ARRUDA, Daniel Péracles. Dimensões subjetivas do racismo estrutural. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 13, n. 35, p. 493-520, fev. 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/915>. Acesso em: 14 maio 2021.
- ARRUDA, Daniel Péracles. (Vulgo Elemento). *Prazer, Coringa!*, 2022. Videoclipe (1 min e 36 seg). Publicado no canal Vulgo Elemento. Disponível em: <https://youtu.be/Y7X3G5XVpYQ>. Acesso em: 29 jan. 2022.
- BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- BAPTISTA, Myrian Veras. A produção do conhecimento social contemporâneo e sua ênfase no serviço social. *Cadernos ABESS*, São Paulo, n. 5, p. 84-95, 1992.
- BATMAN. Direção de Tim Burton. Estados Unidos da América: Warner Bros, 1989. (125 min.).
- BATMAN: o Cavaleiro das Trevas. Direção de Christopher Nolan. Estados Unidos da América: Warner Bros, 2008. (152 min.).
- BATMAN: o Homem Morcego. Direção de Leslie H. Martinson. Estados Unidos da América: Fox, 1966. (105 min.).
- BISNETO, José Augusto. *Serviço social e saúde mental: uma análise institucional da prática*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BRASIL. *Código de ética do/a assistente social*. Lei n. 8.662/1993, de regulamentação da profissão. 10. ed. rev. e atual. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), 2012.
- CARLITOS Repórter. Direção de Henry Lehrman. Estados Unidos da América: Keystone Film Company, 1914. (13 min.). Título original: Making A living.
- CORINGA. Direção de Todd Phillips. Estados Unidos da América: Warner Bros, 2019. (122 min.). Título original: Joker.
- CORRIDAS de automóveis para meninos. Direção de Henry Lehrman. Estados Unidos da América: Keystone Film Company, 1914. (7 min.). Título original: Kid auto races in Venice.
- CHAGAS, Eduardo Ferreira. O pensamento de Marx sobre a subjetividade. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 36, n. 2, p. 63-84, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732013000200005>. Acesso em: 7 jul. 2019.
- EM BUSCA do ouro. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos da América: Charlie Chaplin Film Corporation, 1925. (95 min.). Título original: The gold rush.
- ESQUADRÃO suicida. Direção de David Ayer. Estados Unidos da América: Warner Bros, 2016. (123 min.). Título original: Suicide Squad.
- FREUD, Sigmund. *O chiste e sua relação com o inconsciente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Título original: Der witz und seine beziehung zum unbewussten.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos [1930-1936]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Título original: Das unbehagen in der kultur.
- GENTILLI, Raquel de Matos Lopes. Apontamentos sobre subjetividade na relação teoria-prática do serviço social. In: BAPTISTA, Myrian Veras; BATTINI, Odária (org.). *A prática profissional do assistente social: para reconhecer e reconstruir o cotidiano*. São Paulo: Veras Editora, 2016. v. II, p. 143-173.
- GENTILLI, Raquel de Matos Lopes. Desigualdades sociais, subjetividade e saúde mental: desafios para o Serviço Social. *Ser Social*, Brasília, v. 13, n. 28, p. 210-230, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.26512/ser_social.v13i28.12688. Acesso em: 30 mar. 2020.
- GENTILLI, Raquel de Matos Lopes. Sociabilidade e subjetividade: aproximações para o Serviço Social. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 312-324, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/14272>. Acesso em: 25 mar. 2020.
- HUGO, Victor. *O homem que ri*. São Paulo: Martin Clarie, 2019.
- IT: a coisa. Direção de Andy Muschietti. Estados Unidos da América: Warner Bros, 2017. (132 min.). Título original: It.
- LACAN, Jacques. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 29-90. Título original: Autres écrits.
- LUZES da cidade. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos da América: United Artists 1931. (87 min.). Título original: City lights.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARX, Karl. *Crítica do programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012. Título original: Kritik des Gothaer Programms.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2009. Título original: Ökonomisch-philosophische manuskripte.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MONSIEUR Verdoux. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos da América: United Artists, 1947. (124 min.).
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Título original: La tête bien faite: repenser la réforme, réformer la pensée.
- NICACIO, Erimaldo Matias. Serviço social e subjetividade. *Praia Vermelha: estudos de política e teoria social*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 46-70, 2008. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/oBo--tS_Kbeq-UHRYFoUtMm5lcoU/edit. Acesso em: 14 mar. 2020.
- NICACIO, Erimaldo Matias; BISNETO, José Augusto. *A prática do assistente social na saúde mental*. Rio de

Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

O CIRCO. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos da América: United Artists, 1928. (71 min.). Título original: The circus.

O GAROTO. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos da América: First National, 1921. (68 min.). Título original: The kid.

O GRANDE ditador. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos da América: United Artists, 1940. (124 min.). Título original: The great dictator.

O HOMEM que ri. Direção de Paul Leni. Estados Unidos da América: Universal Pictures, 1928. (110 min.). Título original: The man who laughs.

OLIVEIRA, Sarah Reimann. *O curinga no teatro Fórum: formação teatral e política pelo bufão*. 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) – Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

O VAGABUNDO. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos da América: Essanay Studios, 1915. (32 min.). Título original: The tramp.

SAFATLE, Vladimir. Debate Badiou + Žižek. Christian Dunker, Paulo Arantes e Vladimir Safatle, 2012. Vídeo (107 min.). Publicado pelo canal TV Boitempo. Disponível em: <https://youtu.be/5926X96q0IY>. Acesso em: 18 jun. 2022.

SARTORI, Helga Cristina Santos; BARROS, Tomas; TAVARES, Almir. Transtorno da expressão emocional involuntária. *Revista de Psiquiatria Clínica*, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 20-25, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832008000100004>. Acesso em: 11 set. 2019.

SENA, Jonathan Brites; OLIVEIRA, Natássia Duarte Garcia Leite de. (Trans)formações do palhaço: breve história dos tipos clássicos da palhaçaria. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 41, p. 1-22, mar./abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/19977>. Acesso em: 13 jan. 2022.

TEMPOS modernos. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos da América: Charlie Chaplin Film Corporation, 1936. (86 min.). Título original: Modern Times.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Abordagens psicossociais*. História, teoria e trabalho no campo. São Paulo: Editora Hucitec, 2008a. v. I.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão (org.). *Abordagens psicossociais*. Reforma psiquiátrica e saúde mental na ótica da cultura e das lutas populares. São Paulo: Editora Hucitec, 2008b. v. II.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão (org.). *Abordagens psicossociais*. Perspectivas para o serviço social. São Paulo: Editora Hucitec, 2008c. v. III.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Entrevista com Prof. Eduardo Mourão Vasconcelos. *Serviço Social & Saúde*,

Campinas, v. 14, n. 1 (19), p. 139-146, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/sss.v14i1.8638907>. Acesso em: 14 mar. 2020.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Karl Marx e a subjetividade humana*. A trajetória das ideias e conceitos nos textos teóricos. São Paulo: Hucitec, 2010a. v. I.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Karl Marx e a subjetividade humana*. Uma história das ideias psicológicas na Europa até 1850. São Paulo: Hucitec, 2010b. v. II.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Karl Marx e a subjetividade humana*. Balanço de contribuições e questões teóricas para debate. São Paulo: Hucitec, 2010c. v. III.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão (org.). *Saúde mental e serviço social: o desafio da subjetividade e da interdisciplinaridade*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

YAZBEK, Maria Carmelita. *Classes subalternas e assistência social*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ŽIŽEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012.

Daniel Péricles Arruda

Doutor em Serviço Social e mestre em Serviço Social (bolsista do *Ford Foundation International Fellowships Program*, turma de 2010) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em São Paulo, SP, Brasil. Pós-doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em São Paulo, SP, Brasil. Especialista Multiprofissional em Saúde Mental e Psiquiatria pela Escola de Educação Permanente do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (EEP/HCFM/USP), em São Paulo, SP, Brasil; e em Arte-Educação pelo Centro Universitário Senac, em São Paulo, SP, Brasil. Graduado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), MG, Brasil. Formação em Psicanálise no Instituto Language. Professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), *campus* Baixada Santista, Santos, SP, Brasil, vinculado ao curso de graduação em Serviço Social, ao Departamento de Saúde, Educação e Sociedade (DSES) e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Vivências Artísticas, Culturais e Periféricas.

Endereço para correspondência

Daniel Péricles Arruda
Universidade Federal de São Paulo
Campus Baixada Santista
Rua Silva Jardim, 136
Vila Matias, 11015-020
Santos, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.